

CAROLINA TEM UM SONHO

Criou a primeira empresa aos 13 anos, tirou cursos em Harvard e na ONU para se tornar uma “empreendedora” com a “missão” da justiça social. Aos 27 anos, Carolina Cruz move mundos para mudar o mundo



JOSE VENTURA

Olhar doce, voz meiga. Só a longa cabeleira selvagem denuncia a verdadeira essência de Carolina. Aos 27 anos, já viveu num orfanato na Índia, resgatou meninos à cegueira, fundou uma empresa com nome de sonho (Sapana), tirou cursos em instituições tão prestigiadas como a Universidade de Harvard ou a das Nações Unidas. Faz surf desde os oito anos e, para a primeira empresa que criou — aos 13, com a avó —, bateu durante quatro anos à porta de todos

LUTA CONTÍNUA AS VIAGENS DE CAROLINA DESPERTARAM-NÁ PARA AS DIFERENÇAS E A INJUSTIÇA SOCIAL

os cafés de Carcavelos e vendeu milhares de bolinhas de chocolate. Viaja desde os 14 anos, a mesma idade com que começou a fazer meditação. “Venho de uma família extraordinária, uma família de mulheres de armas, que viaja sozinha, de mochila às costas. O meu pai é o lado B — o surf, o

falar sobre tudo, sem tabus.” Filha única, foi assim que Carolina cresceu, inspirada numa frase que ouviu aos oito anos e adotou como mote: “És do tamanho dos teus sonhos.” A partir dessa altura foi tomada pela certeza “visceral” de que ia fazer algo para mudar o mundo.

Desde a primeira viagem — ao Egipto, aos 14 anos — que questiona tudo. “Sobre as burkas nas mulheres, perguntava ao guia por que é que elas andavam tapadas e eu não. Percebi que a única coisa que me distinguia delas era o sítio onde nasci e o background familiar.” Desde então, os temas de justiça social correm-lhe nas veias. A um curso de Psicologia Clínica somou muitas experiências de viagem, um ano na delegação da Organização Internacional do Trabalho em Lisboa, outro na Índia e no Nepal, num orfanato com 14 meninos a quem mostrou um globo pela primeira vez. E conseguiu resgatar à cegueira um dos seus “órfãos” — como Carolina lhes chama —, de 7 anos, graças a um contacto da Fundação Champalimaud. Na sede da Sapana (“sonho”, em nepalês), aberta em 2012, Carolina fala com uma clareza invulgar. Nascida dos cursos de Empreendedorismo, Mudança Social e Inovação Social e de Finanças e Estratégia tirados na ONU e em Harvard, a sua “empresa social” quer tornar-se economicamente autossustentável. “Não inventei a roda, nem vou inventar. Inspiro-me nos melhores projetos mundiais”, explica. Percebe-se que Carolina não desiste diante de nada: “O plano A é a Sapana. É missão. Não tenho plano B.” ● **KATYA DELIMBEUF**



O MELHOR RESTAURANTE É... UM PUB

O melhor restaurante britânico é... o pub Hand and Flowers, em Londres, com duas estrelas Michelin. A atribuição do galardão máximo dos National Restaurant Awards ao estabelecimento que, tecnicamente, é um pub, é tanto mais importante para o seu proprietário e chefe, Tom Kerridge, porquanto resulta da votação de 150 profissionais da indústria da restauração. O diretor da revista “Restaurant”, que organiza o concurso, diz que a vitória de Kerridge “reflete a casualização do jantar”, tendência que é confirmada pelo facto de haver cada vez mais pubs na lista dos 100 melhores restaurantes do país.